

REFLEXÕES SUSTENTÁVEIS PARA 2014

Por Denise Pereira



Todo início de ano, fazemos uma série de promessas e apostas para o ano que se inicia. No ambiente empresarial, não é diferente, apesar de que essas promessas, geralmente, são realizadas no segundo semestre do ano anterior, quando paramos para refletir sobre os nossos planejamentos para o ano que virá.

E o que será que nossas empresas estão planejando em termos de sustentabilidade?

Em 2013, aconteceu em Orlando, Flórida o 73º congresso *Academy of Management* no qual tive a oportunidade de apresentar um trabalho sobre a inclusão da sustentabilidade nos cursos de negócios. Trata-se do maior congresso de estudos em administração do planeta. Este evento, que reúne estudiosos e executivos do mundo todo, tem como objetivo discutir as questões mais atuais sobre os estudos na área de gestão de negócios. O evento acontece em quatro dias e é dividido entre as principais áreas de estudo em administração. Os trabalhos são apresentados na forma de simpósios, artigos, painéis e *workshops*.

Anualmente, é escolhido um tema, a ser debatido, ou simplesmente apresentado, pelos pesquisadores. No ano passado, em Orlando, estima-se que mais de 10.000 pessoas, de diversos países, participaram do evento, entre eles vários "gurus da administração", discutiram o tema "*Capitalism in Question*". Calma... Não foi um congresso relacionado a novas formas de governo ou sobre o fim do modelo capitalista.

Esse evento provocou uma reflexão sobre os rumos que tem tomado as discussões empre-

sarias e econômicas sobre as formas de governo, os problemas ambientais e sociais, reflexos, principalmente, do modelo capitalista. Discutiu-se, por exemplo, o uso das inovações como forma de promover a inclusão das pessoas e as soluções que elas podem trazer para os problemas ambientais que preocupam a humanidade não só nos dias de hoje, mas, também, em um futuro cada vez mais incerto em termos sociais e ambientais.

Em uma outra seção, Edward Freeman discutiu sobre como podemos caminhar rumo a uma economia de justiça, sustentabilidade e prosperidade econômica. O autor discutiu a importância de identificarmos todos os *stakeholders*, e chamou a atenção para a dificuldade em se identificar os reais *stakeholders*, e trouxe para perto da organização

Um dos simpósios que mais chamou a atenção estava relacionado a área de recursos humanos. Uma das maiores preocupações dos debatedores, neste campo, está no fato de que, em 2050, a população mundial irá girar em torno de 10 bilhões de pessoas, e a pergunta que se faziam era: quem vai pagar essa conta? Quem vai absorver o grande número de desempregados. Vejam, eles estavam discutindo sobre os caminhos da humanidade daqui há 35 anos!!!

Nesta seção os gurus da sustentabilidade e da área de Recursos Humanos: Stuart Hart, Anil K Gupta, Kim Cameron e Robert E Quinn apresentaram suas visões sobre a "encruzilhada" do capitalismo para os negócios futuros. De acordo com os proponen-

tes deste painel, o capitalismo está em uma encruzilhada e os desafios para a gestão das empresas no século XXI são vários.

Esses desafios compreendem: as alterações climáticas, a crescente desigualdade, a exclusão social, a pobreza e a redução da confiança social no mundo dos negócios. Por isso, julga-se que é preciso discutir questões relacionadas aos negócios sustentáveis e aos aspectos humanísticos para uma melhor gestão das pessoas (a liderança positiva). Stuart Hart descreveu os desafios para as instituições de negócios tradicionais para se tornarem ambientalmente e socialmente sustentáveis. Anil Gupta apresentou o seu entendimento sobre como as empresas podem se tornar mais inclusivas e serem mais integradas nas comunidades em que operam. Kim Cameron esboçou como as organizações podem se tornar exemplos de sustentabilidade e inclusão, e finalmente, Bob Quinn delineou como a liderança precisa ser repensada, e a partir de uma perspectiva ontológica, abraçar a mudança profunda, com foco em ser, em vez de ter e, especialmente, servindo uma causa maior do que nós mesmos. André Habisch discutiu como estas contribuições podem ser introduzidas na educação, e nas práticas de gestão, de modo a poder adaptar e preparar os alunos para o negócio do século XXI.

Isso sem contar os vários painéis relacionados as estratégias empresariais e marketing, cujos grandes nomes da administração apresentaram os desafios de consumo para as próximas décadas. Mas a apresentação des-

Sabe-se hoje que apenas 1% da água do planeta é potável, e que essa quantidade está diminuindo graças ao impacto da ação do homem no meio ambiente. É preciso que fique claro que a quantidade de água não diminui, porque trata-se de um ciclo de renovação fechado. No entanto, a qualidade da água piora, podendo deixar de ser potável, ou ainda, em função do aquecimento global muitas geleiras estão diminuindo, perdendo-se assim, uma quantidade de água doce razoável.



ses painéis ficam para outro dia...

Neste momento, que chamar a atenção para o fato de que há uma preocupação generalizada sobre o futuro da humanidade e seus reflexos nos negócios. Ou ao contrário, sobre os reflexos dos negócios sobre o futuro da humanidade. Sim, porque os problemas sociais e ambientais que batem a porta de nossas empresas, terá no longo prazo, um reflexo em nossa lucratividade.

Antes de transferir essa reflexão para o contexto brasileiro, gostaria de explicitar o conceito de sustentabilidade, que geralmente é aplicado para as corporações. O Desenvolvimento Sustentável pode ser entendido, de forma muito sucinta como: a utilização dos recursos da natureza, que precisamos para nossa sobrevivência, pensando nas gerações futuras. Implicitamente há a ideia de que devemos consumir os recursos naturais com parcimônia, preservando o meio ambiente, para que as futuras gerações também tenham o direito de desfrutá-lo.

O problema é que a preservação do meio ambiente está muito relacionada com as questões sociais, ou seja, enquanto não conseguirmos buscar formas alternativas para a economia de extração, enquanto não investirmos na educação e enquanto não provocarmos a inclusão social dos menos assistidos, não teremos a preservação do meio ambiente. Finalmente, para obtermos a inclusão social, dependemos do desenvolvimento econômico. Bem, esse é o tripé da sustentabilidade: Equidade Social, Equilíbrio Ambiental e Desenvolvimento Econômico, onde, parafraseando Indira Ghandi, "a pobreza é a maior das poluições". Ou seja, para resolvermos os problemas ambientais precisamos, também, cuidar das pessoas.

No ambiente corporativo, o desenvolvimento sustentável aparece como sustentabilidade corporativa. Nela a equidade social surge por meio das ações de Responsabilidade Social

Corporativa, que incorpora a gestão dos *stakeholders*, a gestão das relações com a comunidade e o cuidado com o meio ambiente. O equilíbrio ambiental aparece por meio da gestão ambiental em suas três formas: controle dos impactos ambientais (ou *compliance*), preservação ambiental (que é uma forma mais proativa de realizar a gestão ambiental, mais focada ao processo e gestão ambiental estratégica, que é a forma mais abrangente, nela o cuidado com o meio ambiente está presente nas estratégias organizacionais. Finalmente, o crescimento econômico equivale a geração de produtos de valor, ou seja, produtos que além de atenderem as necessidades dos clientes, geram lucro para a organização e preserva o meio ambiente.

Trazendo essa reflexão para o contexto brasileiro, percebemos que apenas alguns empresários percebem a importância da inclusão da sustentabilidade em seu planejamento estratégico. Em sua maioria são empresas que possuem negócios com o mercado externo; fazem parte da cadeia produtiva de uma grande empresa que exige práticas sustentáveis; e trabalham com matérias-primas de fontes não renováveis com risco de se esgotarem, e daí a preocupação pela busca de matérias-primas alternativas – ou ainda, sofrem exigências legais. Há, ainda, aquelas empresas que procuram investir em sustentabilidade com o propósito de preservar sua imagem, ou ainda, manter sua reputação.

É comum, ainda, ouvir no ambiente empresarial o argumento de que a sustentabilidade é um modismo, que logo logo passa. Ou ainda, que é um fenômeno muito parecido com a era da gestão da qualidade e que será incorporado naturalmente a gestão da empresa - o que é menos pior. Outro dia, por exemplo, um empresário me afirmou que o problema da escassez de água não existia, pois trata-se de um ciclo fechado, por isso é desnecessário tais discussões.

Bem... no *Academy of Management 2013*, chamou a atenção o fato de que o mundo não dúvida mais da necessidade da inclusão de práticas sustentáveis nos negócios. Discute-se agora, como fazer e o que se fazer para reduzir o impacto da atuação das empresas no meio ambiente e na sociedade. O desenvolvimento e o uso de tecnologias que permitam uma produção mais limpa e que economize os recursos ambientais. Fala-se sobre o uso de matérias-primas alternativas e em como inovar de modo a privilegiar, realmente, a inclusão das minorias. Ou seja, a partir da conscientização dos impactos provocados pelas atividades produtivas no planeta e na sociedade, discute-se agora como nossas empresas podem contribuir para um mundo melhor e mesmo assim, continuar gerando riquezas, para seus acionistas e os diversos *stakeholders*.

Em suma, articula-se como realizar, efetivamente, a sustentabilidade corporativa em seus três aspectos: Responsabilidade Social Corporativa, Gestão Ambiental e Geração de Produtos de Valor para a sociedade e que garantam a lucratividade da empresa.

Cabe agora refletirmos em que estágio nossas empresas estão. Será que nossas empresas ainda discutem a importância da sustentabilidade ou já estamos pensando em como coloca-las em prática?

Denise Pereira é administradora de empresas e doutora em engenharia de produção pela POLI/USP. Com uma larga experiência profissional em estratégia empresarial e gestão de empresas. É professora convidada da FIA e professora pesquisadora da Universidade Mackenzie e proprietária da empresa DENPEC Desenvolvimento Profissional e Consultoria.

Edward Freeman foi quem introduziu o conceito de stakeholder, ou, em português, partes interessadas ou intervenientes, em 1984.